

AMAZÔNIA PARAENSE SOB AS LENTES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA EM CONTRAPOSIÇÃO AO ASTIGMATISMO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO INSUSTENTÁVEL

THE PARÁ AMAZON UNDER THE LENSES OF THE SOLIDARITY ECONOMY IN CORRECTION TO THE ASTIGMATISM OF UNSUSTAINABLE ECONOMIC DEVELOPMENT

Fernanda Suely Barata¹
Adebaro Alves dos Reis²
Maria José de Souza Barbosa³
Antônio Jorge Paraense da Paixão⁴

Área Temática 6: Cooperativismo, Economia Solidária e Gestão de Empreendimentos
Modalidade: Artigo Científico

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a interseção entre “Desenvolvimento Socioambiental” e a “Economia Solidária” cuja articulação possibilita vislumbrar alternativas à construção de futuros mais equitativos em contextos amazônicos. A discussão é tecida a partir de autores como Singer (2002 e 2005), Gaiger (2003), Gadotti (2008 e 2009) e Acosta (2016). Trata-se metodologicamente de uma revisão de literatura, portanto, de abordagem qualitativa, para isso foram selecionados dezessete textos, entre artigos, livros e capítulos de livros sobre a temática do desenvolvimento socioambiental e economia solidária. As etapas deste percurso consistiram na análise sob leitura crítica dos textos selecionados, fichamento e categorizados. Via esses procedimentos metodológicos identificou-se que o desenvolvimento hegemônico, focado no sistema econômico perpetua o caráter colonial e eurocêntrico, predominantemente exploratório e degradante, que historicamente tem gerado desigualdades sociais e degradação ambiental. Em contrapartida, o desenvolvimento socioambiental e a economia solidária emergem como propostas contra hegemônicas, em busca de equilíbrio entre progresso, justiça social e preservação ambiental. A economia solidária e sua prática autogestionárias e base cooperativista é compreendida aqui, como dinâmica social transformadora e alternativa, capaz de fomentar relações de trabalho equitativas e de inclusão de sujeitos marginalizados. O cooperativismo e a auto-organização destacam-se como pilares à promoção de autonomia e empoderamento de comunidades tradicionais, fomentando fluxos de cooperação, soberania e segurança alimentar em contextos de carências e insuficiência de políticas públicas.

Palavras-Chave: Inclusão, Cooperativismo, Autogestão, Amazônia, Sustentabilidade.

¹ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará; fernanda.barata@ifpa.edu.br

² Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará; adebaro.reis@ifpa.edu.br

³ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará; mjsb.ufpa@gmail.com

⁴ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará; antonio.paraense@ifpa.edu.br

Abstract

This study aimed to investigate, from the intersection between "Socio-environmental Development" and "Solidarity Economy," how these concepts articulate and enable envisioning alternatives for building more equitable futures in Amazonian contexts. The discussion was structured based on authors such as Singer (2002 and 2005), Gaiger (2003), Gadotti (2008 and 2009), and Acosta (2016). The methodology consisted of a qualitative literature review, with an emphasis on conceptual intersections. Seventeen texts were selected, including articles, books, and book chapters addressing the theme of socio-environmental development and the solidarity economy. The stages of this journey included defining the objective and research questions, selecting and critically reading texts, indexing, thematic categorization, and interpretive discussion of the results. It was identified that the hegemonic development model, focused on economic growth, perpetuates a colonial and Eurocentric character, is predominantly exploitative and degrading, and historically criticized for generating social inequalities and environmental degradation. In contrast, socio-environmental development and the solidarity economy emerge as counter-hegemonic proposals, seeking a balance between progress, social justice, and environmental preservation. The solidarity economy, with self-managed and cooperative bases, is researched as a transformative and alternative social dynamic, capable of fostering equitable labor relations and the inclusion of marginalized individuals. Cooperativism and self-organization stand out as pillars for promoting autonomy and empowerment of traditional communities, fostering cooperation flows and food security in contexts of scarcity and insufficient public policies.

Key words: Inclusion, Cooperativism, Self-management, Amazon, Sustainability.

1. Introdução

A Amazônia, cenário de complexas dinâmicas socioeconômicas e ambientais, historicamente tem sido marcada por projeto de desenvolvimento pautado no desenvolvimento econômico em detrimento das populações locais e dos ecossistemas. A partir da década de 1970, grandes projetos de desenvolvimento desencadearam impactos socioambientais (Barbosa, 2024), manifestados através de profundas desigualdades sociais e degradação de recursos naturais, atingindo em particular a comunidades tradicionais que são diretamente afetadas em sua autonomia e subsistência.

Alternativas de desenvolvimento socioambiental que extrapolem à lógica hegemônica passam a ser pauta em campos diversos da ciência (Gaiger, 2003; Gadotti, 2008). Assim, na busca de uma análise interdisciplinar, este artigo se propôs a analisar a interseção entre “Desenvolvimento Socioambiental” e a “Economia Solidária”, a partir da aplicação de tais conceitos que se articulam e possibilitam vislumbrar alternativas à construção de futuros mais equitativos em contextos amazônicos. Nessa perspectiva busca-se responder as seguintes questões: (1) como os autores caracterizam o “desenvolvimento atual”, baseado no crescimento econômico e suas implicações nos contextos rurais e amazônicos? (2) Quais são as principais críticas apresentadas

ao desenvolvimento hegemônico? (3) De que forma o “Desenvolvimento Socioambiental” e a “Economia Solidária” apresentam-se conceituados e apresentados nos autores analisados? (4) A operacionalização da teoria em iniciativas de economia solidária e cooperativismo é abordada nessa literatura?

Assim, a revisão dos textos e artigos selecionados nos possibilitou a compreensão do cenário global contemporâneo perpassado por crises civilizatórias, que põem à prova os projetos hegemônicos de desenvolvimento e apresentam a urgência de remodelar a relação sociedade x natureza (Acosta, 2016). Em particular a Região Amazônica, berço de biodiversidade única e de inúmeras comunidades tradicionais, as quais vêm enfrentando desafios urgentes diante do avanço da exploração dos recursos naturais em prol do crescimento “econômico ilimitado”.

O desenvolvimento socioambiental é intrinsecamente sustentável, solidário e inclusivo, e procura promover equidade social, valorização cultural e participação crítica dos sujeitos no processo decisório (Gadotti, 2008). Assim, pode-se inferir que a concepção imanente ao desenvolvimento socioambiental e da economia solidária convergem na busca por alternativas ao desenvolvimento hegemônico e tem por plataforma sociopolítica a defesa de valores como solidariedade, cooperação, equidade, participação, respeito à diversidade natural e cultural.

A economia solidária se configura, portanto, como uma prática social dinâmica e potencial transformador, capaz de modificar a lógica produtivista e consumista do capitalismo e fortalecer o mundo do trabalho com relações mais equitativas (Gaiger, 2003; Silva, 2018). Singer (2002) ressalta o caráter alternativo das experiências de autogestão e cooperação econômica, como uma nova forma social de produção e como ato pedagógico transformador propositivo a mudanças nas posturas dos sujeitos (Gaiger, 2003; Braz e Cardoso, 2020 ; Gadotti, 2008).

A autogestão encontra centralidade na discussão da organização coletiva de produção associada, enquanto alternativa e formas de resistência ao sistema capitalista (Faria, 2011), elevando a cooperativismo como pilar da economia solidária ao se estruturar sob auto-organização social dos trabalhadores (Brancaleone, 2020; Monje-Reyes, 2011).

A relevância desses arranjos produtivos é ampliada quando a economia solidária possibilita a construção de fluxos de cooperação para o desenvolvimento rural sustentável,

como evidenciado em pesquisas sobre o Estado do Pará, na Amazônia Brasileira como mostra Barbosa (2024).

Desta forma, o percurso metodológico deste artigo apresenta a sequência das seções acerca das discussões bibliográficas, além das considerações finais.

2. Metodologia

A revisão de literatura (Hohendorff, 2014) caracterizada como abordagem qualitativa (Lakatos e Marconi, 2003), que se propõe à compreensão, conexão e articulação entre categorias e dados a fim de construir uma visão coerente sobre as categorias teóricas e interseção entre discussões, a exemplo do que se faz em relação ao “Desenvolvimento Socioambiental” e a “Economia Solidária”. Este tipo de procedimento possibilita, não somente a identificação das bases teóricas (Minayo, 1994), mas também favorece perceber lacunas, essenciais ao confrontar as categorias com a realidade social, portanto, suas particularidades e especificidades.

A revisão bibliográfica, nesse artigo, procura entender a relação sócio-histórica entre “Desenvolvimento Socioambiental” e a “Economia Solidária”, principalmente quando se vislumbra alternativas à construção de futuros mais equitativos em contextos amazônicos”. As interseções entre os termos “Desenvolvimento Socioambiental” e “Economia Solidária”, com foco em contextos amazônicos. em que se elenca um universo de artigos, livros e capítulos de livros, pertinentes à temática, embora se tenha a compreensão de que se trata de uma primeira aproximação à temática, não esgotando o manancial bibliográfico sobre a problemática estruturada enquanto temática do artigo.

No entanto, não se determinou a temporalidade, em termos da busca bibliográfica, ou seja, não se determinou um período fechado, na medida em que o critério de seleção foi a maior conexão com a temática eixo do artigo, como pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1: Amostra de Publicações Pesquisadas

	Autor (a)(es)	Título	Ano
1	ACOSTA, Alberto	O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos	2016
2	BARBOSA, Maria José de Souza	Economia solidária construindo fluxos de cooperação para o desenvolvimento rural sustentável no Pará - Norte do Brasil	2024

3	BRANCALEONE, Cassio	Auto-organização social no mundo do trabalho e produção: notas para uma crítica à economia solidária	2020
4	BRAZ, Célia L. do R.; CARDOSO, Onésimo O.	Economia solidária e redes sociais: antigos fenômenos, novas feições	2020
5	DAL RI, Neusa Maria (Org.)	Trabalho Associado, Economia Solidária e Mudança Social na América Latina	2010
6	FARIA, José Henrique de	Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual	2011
7	GADOTTI, Moacir	Educar para a cooperação. Economia Solidária como Práxis Pedagógica	2009
8	GADOTTI, Moacir	Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável	2008
9	GAIGER, Luiz Inácio G.	A economia solidária diante do modo de produção capitalista	2003
10	MONJE-REYES, Pablo	Economía solidaria, cooperativismo y descentralización: la gestión social puesta en práctica	2011
11	PAIXÃO, Antônio J. Paraense da, et al.	Experiência interdisciplinar na cooperativa d'Irituia	2023
12	FARIA, Maurício S.de	Autogestão, Cooperativa, Economia Solidária: avatares do trabalho e do capital	2011
13	SILVA, Lauro Sergio Rodrigues da; REIS, Adebaro Alves dos	Transversalidades entre educação, ciência, tecnologia, desenvolvimento e sustentabilidade socioambientais quilombola na Amazônia: aproximações teórico-metodológicas à luz do paradigma Cidades MIL	2024
14	SILVA, Sandro Pereira	O campo de pesquisa da economia solidária no Brasil: abordagens metodológicas e dimensões analíticas	2018
15	SINGER, Paul	Introdução à economia solidária	2002
16	SINGER, Paul	A Economia Solidária como ato pedagógico.	2005
17	SMITH, Diego da Silva et al.	"Marketplace": uma nova esfera pública sobre os canais de mercados	2023

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

As etapas da pesquisa compreenderam: (a) definição do objetivo geral, (b) identificação das questões de pesquisa, (c) seleção das fontes bibliográficas, (d) leitura dos textos selecionados, fichamento de dados e conceitos relevantes, (e) categorização dos elementos fichados, agrupando-os conforme as questões da pesquisa bibliográfica, (f) discussão dos resultados em diálogo com o referencial teórico, a partir de síntese interpretativa e narrativa. Assim, identificou-se possibilidades de categorização como se mostra no rol das categorias/temáticas para análise e discussão: desenvolvimento socioambiental; desenvolvimento atual e suas implicações em contextos rurais e amazônicos; críticas ao processo de desenvolvimento hegemônico; economia solidária – contribuição da Economia Solidária e do Cooperativismo para a Inclusão Social em Contextos Rurais; operacionalização da Teoria (com foco na autogestão) em iniciativas de Economia Solidária.

Para a operacionalização da interpretação partiu-se da análise de conteúdo em acordo com o que pressupõem Creswell (2014) e Bardin (1997), ou seja, esse método pressupõe uma

forma interpretativa capaz de permitir o aprofundamento da discussão acerca das interseções e, inclusive, indicar lacunas nos materiais utilizados, possibilitando a compreensão das relações entre os conceitos e suas manifestações. Assim, pode-se trazer esse aporte para a análise do contexto amazônico, bem como, das possibilidades de aplicação.

Assim, ao finalizar o processo de análise e interpretação da literatura e documentos acessados, como dito anteriormente, estabeleceu-se uma sequência de temáticas como se aborda na seção de discussão, onde se trata da interseção entre Desenvolvimento Socioambiental e Economia solidária, com base nos pressupostos teóricos sob a perspectiva contra hegemônica.

3. Discussões

3.1 Desenvolvimento Socioambiental e suas implicações no contexto rural amazônico

Pensar o desenvolvimento Amazônico implica considerar múltiplas variáveis. Deve-se considerar aspectos ambientais, sociais, econômicos, culturais e políticos a partir de uma perspectiva de sustentabilidade. Contudo o cenário de desenvolvimento apresentado em diversas pesquisas, como aponta Barbosa (2024) descortina uma Amazônia impactada pelo desenvolvimento exploratório e degradante, com foco no crescimento econômico em detrimento de questões socioambientais.

No Brasil, tal exploração ganhou ênfase com políticas desenvolvimentistas na década de 1970, com objetivo de integrar a Amazônia às demais regiões do país, o que resultou em desestruturação de comunidades tradicionais, na intensificação de conflitos por terra e recursos e em degradação ambiental (Silva; Reis, 2024). O modo capitalista de desenvolvimento destaca-se pela destruição da natureza, portando da biodiversidade, para implantar formas de desenvolvimentos exógenas à realidade dos sujeitos locais, com concentração de riquezas e, inclusive, levando ao esgotamento de recursos naturais, muitas vezes, sem sequer conhecer seus potenciais substantivos para a manutenção do ecossistema, além de gerar o aprofundamento de desigualdades sociais e da opressão às culturas dos sujeitos locais.

O modelo de desenvolvimento atual segue amplamente criticado, com caráter colonial e eurocêntrico, configurando uma divisão sociotécnica do trabalho, na qual os países desenvolvidos importam matéria-prima e mão-de-obra barata para gerar processos de acumulação de riquezas ao desterritorializar os recursos naturais para reterritorializá-los em

países desenvolvidos. Haesbaert (1997). Em suas críticas coloca a necessidade de se conhecer as multiterritorialidade, pois mais do que a perda ou desaparecimento dos territórios, o autor propõe uma análise rigorosa sobre os processos complexos de (re)territorialização, em que estão interconectados múltiplos territórios, portanto, a discussão da desterritorialização sem que haja esse procedimento de análise, torna-se uma espécie de “mito”, em seu caráter imanente e mutante em termos de (multi)territorializações transpassadas pelas vivências dos indivíduos e dos grupos sociais, muitas vezes em processos de disputas por estruturação de novas territorialidades.

Assim, as propostas de rupturas com a degradação ambiental e que priorizem o bem viver, isto é, a harmonia entre o homem social-natural, natureza naturada, com a natureza silvestre e a valorização das diversas formas de vida passam pela consideração dos contextos culturais e sabedorias dos sujeitos locais (Acosta, 2016; Gadotti, 2008 e 2009).

A sustentabilidade entra em pauta como um paradigma alternativo que equilibra o ser humano, o desenvolvimento e a natureza, como um processo multifacetado que demanda participação ativa dos sujeitos e valorização de seus saberes. O conceito de “Bem Viver” (Acosta, 2016), originário de culturas indígenas andinas e amazônicas dialoga com essa nova perspectiva, na qual a natureza é detentora de direitos e deve ser respeitada e restaurada quando degradada, como consagrado na Constituição da Colômbia em 1993 e do Equador de 2008.

Na Amazônia, o desenvolvimento territorial quilombola denota a busca por sustentabilidade socioambiental, no qual educação, ciência e tecnologia são introduzidas a partir de abordagens transversais para conquista de autonomia e emancipação (Silva & Reis, 2024). A gestão social e a descentralização de poder tornam-se pauta quando aspectos políticos passam a ser introduzidos na discussão, apontando para processos participativos, dialógicos e autogestionados (Monje-Reyes, 2011; Gadotti, 2008).

Gadotti (2008) sugere forma igualitária, justa, livre, solidária e inclusiva de constituição de desenhos sociais capazes de manejar o meio ambiente promover geração de renda, sem degradação do homem ou da natureza. O Desenvolvimento sustentável nessa perspectiva é entendido de forma sistêmica, pois atende as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de gerações futuras, mas com o adicional da inclusão e da solidariedade, é um bem viver em harmonia com o meio ambiente através de uma vida justa, produtiva e saudável a todos os envolvidos.

3.2 Economia Solidária (ES) uma alternativa à promoção do desenvolvimento socioambiental no contexto rural amazônico

Gaiger (2003) sugere que as contradições do sistema hegemônico capitalista, com suas falhas em inclusão e equidade, fazem emergir a economia solidária, sendo esta um campo de pesquisa emergente e movimento social com potencial transformador da lógica produtiva capitalista em relações de trabalho e produção justas e equitativas.

A Economia Solidária em Singer (2005, p. 14) é concebida a partir da ideia de equidade, “sua pedra de toque é a propriedade coletiva dos meios sociais de produção (além da união em associações ou cooperativas dos pequenos produtores). Na empresa solidária, todos que trabalham são seus donos por igual, ou seja, tem os mesmos direitos de decisão”.

A economia solidária, baseada na cooperação econômica e na autogestão, é identificada como nova forma social de produção, seria um novo cooperativismo, apoiado na democracia e no repúdio ao assalariamento (Singer, 2002; Gaiger, 2023). Pois, “vem apresentando novas feições e tornando-se um mecanismo gerador de trabalho e de renda para trabalhadores excluídos do mercado formal, viabilizando a melhoria de suas condições de vida” (Braz & Cardoso, 2020, p. 59).

Em contextos rurais, a Economia Solidária tem se mostrado importante para a inclusão social de sujeitos marginalizados do sistema produtivo formal, que enfrentam dificuldades estruturais para manutenção da atividade produtiva, sendo alijados por grandes conglomerados e pela lógica de produção capitalista de sistemas agroalimentares. Com o avanço tecnológico, a integração da força de trabalho em cooperativas através das redes sociais (Braz & Cardoso, 2010) tornou-se algo significativo para a economia solidária, potencializando oportunidades e proporcionando elevação da qualidade de vida para os sujeitos do campo.

Entre os pilares da economia solidária, a **autogestão** formaliza o caráter democrático, necessário ao protagonismo e à autonomia dos trabalhadores (Faria, 2011). A gestão social é uma forma de extrapolar os limites teóricos, vivenciando uma experiência horizontal nas relações (n-Reyes, 2011). A autogestão não se constitui unicamente em um modelo de organização, mas em uma dinâmica social que extrapola os empreendimentos solidários, pois carece de transformação cultural, educação política, tornando-se um processo contínuo de aprendizado, especialmente a comunidades subsumidas ao modo de produção capitalista.

A economia solidária na Amazônia Paraense desponta frente a carências e exclusões geradas pelo modo de produção capitalista e pela ausência/insuficiência de políticas públicas.

Os fluxos de cooperação no desenvolvimento rural promovem a segurança alimentar por meio da organização da cadeia produtiva da agricultura familiar e materializam, o que do ponto de vista de comunidades locais, é simbolicamente importante e necessário ao empoderamento de comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, extrativistas, de mulheres e jovens (Barbosa, 2024).

Paixão (et al., 2023) discutem a operacionalização de saberes empíricos e saberes científicos em práticas produtivas, destacando a importância da educação e de políticas públicas para o desenvolvimento rural. Destaca a ineficácia e a insuficiência de ações do Estado em comunidades rurais, principalmente as mais afastadas dos centros urbanos. Tal contexto, converge à economia solidária a fim de promover o desenvolvimento das comunidades, a partir de iniciativas formativas, contextualizadas e cirúrgicas a partir das demandas sociais.

4. Considerações

O presente artigo visou articular os conceitos de Desenvolvimento Socioambiental e Economia Solidária em contextos rurais e agroalimentares, com especial relevância para a Amazônia, nesta jornada de apreensão teórica nos permitiu compreender, de forma, mais aprofundada, as complexidades e nuances que envolvem o "desenvolvimento atual", pautado no crescimento econômico, bem como, as críticas contundentes a esse modelo.

Neste sentido, nos proporcionou um reforço à percepção de que o desenvolvimento hegemônico, muitas vezes, desconsidera as particularidades socioambientais e culturais das comunidades rurais e amazônicas, gerando desigualdades e impactos ambientais significativos. Assim, a análise das referências teóricas evidenciou a emergência e a importância de modelos alternativos, como o Desenvolvimento Sustentável (Solidário, Inclusivo) e a Sustentabilidade em suas múltiplas dimensões, conceitos esses que não se limitam à preservação ambiental, mas englobam a equidade social, a valorização das culturas locais e a participação ativa das comunidades.

A Economia Solidária e o Cooperativismo, nessa análise apresentam-se como caminhos promissores para a inclusão social em contextos rurais, especialmente na Amazônia. A autogestão, como princípio fundamental da operacionalização da teoria sobre a economia solidária confere autonomia às comunidades e fortalece as cadeias produtivas locais, contribuindo para a soberania alimentar e a segurança alimentar e nutricional. A capacidade de

organização coletiva, a distribuição mais equitativa dos benefícios e a valorização do trabalho em rede são elementos que distinguem essas iniciativas.

Contudo, apesar das sinergias evidentes entre Desenvolvimento Socioambiental e Economia Solidária, o aprofundamento teórico revelou tensões e lacunas. Uma das principais lacunas diz respeito à necessidade de mais pesquisas para aprofundar o debate sobre as experiências em termos da operacionalização da autogestão em contextos tão diversos como os da Amazônia, considerando os desafios logísticos, culturais e de acesso a mercados. Outra lacuna reside na carência de metodologias que destaquem a multidimensionalidade da sustentabilidade em projetos de economia solidária.

Em relação ao alcance do objetivo do estudo, considera-se que o mesmo foi alcançado em relação à adequação dos procedimentos metodológicos adotados, na medida em que as sínteses produzidas a partir da análise de conteúdo sobre a temática se mostraram eficazes para identificar padrões, convergências e divergências na literatura, permitindo uma visão abrangente sobre os temas propostos, inclusive, como se organizou em termos das subseções sobre temáticas interconectadas.

Para pesquisas futuras, sugere-se a realização de estudos de caso aprofundados em comunidades Amazônicas, para verificar na prática a aplicabilidade e os desafios da autogestão e da economia solidária no alcance do desenvolvimento socioambiental. Além disso, é fundamental que futuras investigações explorem a construção de indicadores robustos que possam medir o impacto da economia solidária em relação à soberania, segurança alimentar e nutricional, na elevação da escolaridade, na qualidade de vida dessas populações, considerando as especificidades da cadeia produtiva local. A integração de abordagens participativas nas metodologias de pesquisa também se mostra promissora para capturar as percepções e os saberes das comunidades envolvidas.

5. Referências Bibliográficas

ACOSTA, A. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

BARBOSA, M. J. Economia solidária construindo fluxos de cooperação para o desenvolvimento rural sustentável no Pará - Norte do Brasil. **Revista de Ciências Sociais Ambos Mundos**, Alicante, n. 5, p. 7-16, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14198/ambos.26059>. Acesso em: 27/05/2025.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1997.

BRANCALEONE, C. Auto-organização social no mundo do trabalho e produção: notas para uma crítica à economia solidária. *Caderno CRH*, Salvador, v. 19, n. 45, p. 301-336, set./dez. 2020.

BRAZ, C. L. do R.; CARDOSO, O. O. Economia solidária e redes sociais: antigos fenômenos, novas feições. *Caderno CRH*, Salvador, v. 23, n. 58, p. 143-159, jan./abr. 2020.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa : escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. — Porto Alegre: Penso, 2014.

DAL RI, N. M. (Org.). *Trabalho Associado, Economia Solidária e Mudança Social na América Latina*. Marília: Cultura Acadêmica; Oficina Universitária; Montevideu: Editorial PROCOAS, 2010.

FARIA, J. H. de. Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 748-763, dez. 2011.

FARIA, M. S. de. *Autogestão, Cooperativa, Economia Solidária: avatares do trabalho e do capital*. Florianópolis: UFSC, 2011.

GAIGER, L. I. G. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. *Caderno CRH*, Salvador, n. 39, p. 181-211, jul./dez. 2003.

GADOTTI, M. Educar para a cooperação. *Economia Solidária como Práxis Pedagógica*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. p. 31-45.

GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. Anais do V Congresso territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. in **Manual de produção científica**. Porto Alegre : Penso, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MINAYO, C. de S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social. in **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

MONJE-REYES, P. Economía solidaria, cooperativismo y descentralización: la gestión social puesta en práctica. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 863-879, dez. 2011.

PAIXÃO, A. J. P. da et al. Experiência interdisciplinar na cooperativa d'Irituia. *Revista de Gestão e Secretariado*, São Paulo, v. 14, n. 10, p. 18720-18726, 2023. Disponível em: <http://doi.org/10.7769/gesec.v14i10.1706>. Acesso em: 27/05/2025.

SILVA, L. S. R. da; REIS, A. A. dos. Transversalidades entre educação, ciência, tecnologia, desenvolvimento e sustentabilidade socioambientais quilombola na Amazônia: aproximações teórico-metodológicas à luz do paradigma Cidades MIL. *Revista da ABP*, v. 15, n. 43, p. 404-431, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2024.v.15.n.43.p.404-431>. Acesso em: 27/05/2025.

SILVA, S. P. *O campo de pesquisa da economia solidária no Brasil: abordagens metodológicas e dimensões analíticas*. Rio de Janeiro: Ipea, 2018. (Texto para Discussão, 2361).

SINGER, P. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. A Economia Solidária como ato pedagógico. In *Economia solidária e educação de jovens e adultos*. Brasília: Inep, 2005.

SMITH, D. da S. ; REIS, A. A.; BARBOSA, M. J.; NEVES, M. O. "Marketplace": uma nova esfera pública sobre os canais de mercados. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 15, n. 6, p. 1-13, [2023]. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/cuadv15n6-050>. Acesso em: 27/05/2025.